

CORROBORAÇÃO

Recebeu esta revista a carta que a seguir publicamos, ainda a propósito dos motivos que levaram o Snr. Mário Dionísio a afastar-se da *Seara Nova*.

Como se verá, cotejando os textos, os signatários da presente carta não só concordam com aqueles senhores que firmaram a que sôb o mesmo assunto aqui se publicou no N.º 845, como agravam as responsabilidades da Direcção da *Seara Nova*, pois que onde na primeira se lê *contrariar*, na presente lê-se *não permitir*.

Sôbre qual das versões está menos afastada dos factos, veja-se a nota que acompanha a carta do Snr. Mário Dionísio, inserta no N.º 842 desta Revista.

É óbvio que reputamos perfeitamente legítima a discordância de todos os signatários, das sugestões que a Direcção da *Seara Nova* julgou dever fazer àquele senhor, no sentido da polémica esboçada se manter dentro dos limites de espaço e da modalidade de forma que não prejudicassem o seu interesse essencial. A Direcção da *Seara Nova* admite até que tenha errado — ¿porque não? Mas seria preciso investigar exaustivamente. Reputamos, outro-sim, agradavelmente edificante o exemplo de concordância (de *princípio*, na primeira carta, de *princípios* na segunda) que une os signatários e o Snr. Mário Dionísio. E, não obstante aquela pluralização, entendemos que se trata sempre da vantagem, afirmada por aquêlê senhor, da polémica ser levada até final *esclarecimento de vários pontos de uma doutrina e crítica de grande interesse para os signatários*, e certamente para muitos leitores da *Seara Nova*.

Se, porém, se trata das idéias que informam a crítica do Snr. Mário Dionísio, pedindo licença para sugerir que, exactamente por prezar muito o processo dialéctico e lhe interessar também muito a discussão dessas idéias, a Direcção da *Seara Nova*, sem interpretar a insistência da discordância dos signatários como outra coisa que não seja

discordância, julga que não deve haver equívocos quanto à perfeita liberdade que a ela e aos colaboradores da Revista reserva, de aceitar como susceptíveis de discussão essas ou outras idéias ou princípios, sem reputar nenhuma delas absolutamente final e tôdas as outras absolutamente fúteis e detestáveis.

Mas, evidentemente, em tôda a questão nunca a Direcção da *Seara Nova* se sentiu perante questões de doutrina mas só perante pormenores de publicação, como, a efectivar-se a promessa do Snr. Mário Dionísio, será fácil de verificar.

Segue a carta, para a publicação da qual nem se tornava mister invocar favor, mas apenas desejo de solidarização, que muito respeitamos.

Ex.^{mo} Sr. Director da Revista *Seara Nova*

Lisboa

Os abaixo assinados, leitores, e alguns colaboradores da *Seara Nova*, desejando manifestar a sua concordância com os signatários da carta, publicada no n.º 845 dessa revista, quanto à resolução tomada pela Direcção da *Seara Nova* de não permitir o prosseguimento do debate travado entre Mário Dionísio e João Pedro de Andrade, e, ao mesmo tempo, exprimir também o seu perfeito acôrdo de princípios com Mário Dionísio, vem pedir a V. Ex.^a o favor de publicação destas linhas na sua revista.

Lisboa, 10 de Novembro de 1943.

Francisco Ramos da Costa — Jaime Pereira Gomes — António Aniceto Monteiro — José Gomes Ferreira — Edmundo de Betencourt — António José de Sousa — J. Ferreira Marques — Francisco José Tenreiro — Gustavo Ramos de Castro — Alves Redol — Arnaldo José Rodrigues — Soeiro Pereira Gomes — José Duarte da Silva Paulo — José Pedro Dias Júnior — Manuel Mendes — Egidio Namorado — Francisco Eduardo Pulido Valente — Henrique Teixeira de Sousa — António Nunes Ruy D'ávila — Carlos Ataíde Ferreira — Fernandes Viana — Manuel Campos Lima — Raúl O. Rosa — Jofre Amaral Nogueira — Jorge Borges de Macedo — Francisco Abrantes — Manuel Augusto Zaluar Nunes — J. Remi Teixeira Freire.

sombra do regime instituído, fomos encontrar de novo o espírito moço de Paulo Prado, presidindo como sempre àquelas reuniões também moças em sua casa na Avenida Higienópolis. Aí continuava a reunir-se todo o «nosso grupo» que a morte desfalcara logo de António de Alcântara Machado, de Tácito de Almeida e agora dissolve definitivamente com o desaparecimento de Paulo Prado.

Há cêrca de cinco anos, muito doente, com aquêlê cepticismo bem humorado, todo seu, comentava êle:

— Tenho a impressão de que depois da minha morte êste mundo vai ficar duma insípidez irremediável. . .

Foi o que me veio à lembrança, ao receber a notícia malvada: o nosso mundo espiritual, êsse mundo exclusivamente nosso que vivíamos em tôrno da mocidade imutável do amigo de setenta e alguns anos, ficou mais do que irremediavelmente insípido, ficou vazio como a inquietação humana.

PAULO DUARTE

Shi